

O texto Purgação é um recorte de um momento de fim de jogo ou de um jogo que todo o tempo é um fim de jogo. O ponto que me parece interessante refletir é que há uma sensação de descompasso entre o envolvimento do autor com o jogo de X e Y e o envolvimento do leitor/ público com esse mesmo jogo.

A temporalidade do frenesi deste jogo já esta num lugar que não " esperou" o leitor/ público. Isso faz com que as metáforas da dança, do regar as plantas, da comida fiquem um pouco frias. Percebe-se que essa frieza não esta dentro das personagens mas falta uma ponte para que possamos estar minimamente perto desse calor neurótico, masoquista da relação de X e Y.

Me parece que teríamos que conhecer um pouco mais quem eles são? Que relação é essa? Veja bem, não é uma expectativa cartesiana, linear da dramaturgia. Como exemplo cito " Esperando Godot", de Samuel Beckett.

Também não conhecemos exatamente quem são Estragon e Vladimir. Mas há uma preparação para o pacto com o público desse desconhecimento. Assim sendo, navegamos pelo mistério de quem são e onde estão? Ficamos instigados a metaforizar o que não se entende com toda clareza. Que lugar eles estão? Quem é Godot?

Não há uma única resposta a essas perguntas mas sim várias possíveis. Cabe ao público se movimentar, acionar a sua imaginação criativa e "preencher" as informações que faltam.

Voltando ao texto Purgação, também acho um pouco brusca a virada do jogo. Quando X desiste e decide ir embora, Y do nada tenta prende-lo. Até a pagina 12 do texto Y rejeita X sem nenhuma ambigüidade. Me transmite

a idéia que, até esse momento X é um estorvo na vida de Y. Me parece, que uma certa ambigüidade até esse momento se faria mais necessária para acreditamos que quando X desiste, Y não quer deixá-lo partir.

Em relação ao texto que compreendi sendo de X, como pensamento interno, para mim não ficou claro para quem era esse pensamento. Para ele mesmo? Uma narração quebrando a quarta parede? Qualquer que seja a resposta acho que ficou embrionário essa dinâmica lingüística. Utilizada esparsamente. Fica uma sensação que poderia consistir mais essa proposta. Cito aqui um exemplo:

“DESEMBANHO UM PUNHAL. NÃO TIVE MEDO. ENTENDIA PERFEITAMENTE O QUE ELE ESTAVA DIZENDO, SENTINDO. EU TAMBÉM DEMOREI DEMAIS A ME LIBERTAR. NA VERDADE NÃO SOU LIVRE. PRÁTICO MINHAS VONTADES DE INFÂNCIA ENTRE QUATRO PAREDES, ESCONDIDO. MEUS PAIS ME ESCONDERAM A VIDA TODA. HOJE CONTINUO ESCONDIDO, SOU UM DESFARSE DE HOMEM. GOSTO DELES E FICO COM ELAS. A CULPA NÃO É DELAS.”

Certos temas são tão ricos que fica uma sensação de querer mais... Por exemplo: “Meus pais me esconderam a vida toda”. Como assim? Esconderam porque?

Outro exemplo: “ Já morri tantas vezes. Já matei também.” É só uma figura de linguagem para falar do amor ou tem algo há mais além disso?

Nesse outro trecho: “SERIA INVEJA POR ELE JÁ TER TRANSADO MAIS DO QUE EU? ACHO QUE ERREI AO PENSAR QUE ELE AINDA NÃO SE ENCONTROU! ELE É LIVRE E EU QUERENDO TRAZÊ-LO PARA UM ROMANCE. SERIA UMA NECESSIDADE SÓ MINHA? QUERO TRAZÊ-LO À MINHA PRISÃO? ONDE, QUANDO ISSO VAI TERMINAR? NÃO QUERO DAR O BRAÇO A TORCER!”

Dois temas aprecem aqui profundos e que são tratados, a meu ver, de forma um tanto sumária. "...SERIA INVEJA POR ELE JÁ TER TRANSADO MAIS DO QUE EU?" Aqui aparece uma potencia dramátúrgica que não foi explorada. Como uma pequena pérola que mostramos ao público/leitor que existe, mas, se cria uma frustração, por não desenvolve-la. "...QUERO TRAZÊ-LO À MINHA PRISÃO?" O mesmo fenômeno. Quero conhecer mais que prisão é essa! É preciso minimamente envolver mais o leitor/público com X e Y.

Acho que o texto sugere uma relação intensa, boas circunstancias (comida, dança, plantas, etc...) mas sugiro, na intenção de contribuir um pouco, que não parta do pressuposto que o leitor/ publico esta com essa intensidade internalizada da mesma forma que o autor está.

Comentar a obra criada por um artista é quase uma profanação. Espero nesta carta, ter ajudado um pouco no seu processo criativo. São provocações na boa intenção de pensar a dramaturgia. Caso não concorde, compreenderei perfeitamente. A arte é um mundo que são tantos mundos que a leitura crítica já é uma contradição em si mesma.

Grande abraço,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Daniel Herz', with a long, sweeping flourish extending upwards and to the right.

Daniel Herz